

Representação Social da Sexualidade Compartilhada por Idosos em um asilo do Rio Grande do Sul

Paulo Cesar dos Santos Braga¹
Mauro Gaglietti²

Resumo

O envelhecimento humano é um assunto que se tornou presente em diversas áreas científicas. Na psicologia não tem sido diferente. Nesse sentido, realizou-se uma pesquisa na modalidade qualitativa em uma ILPI (Instituição de Longa Permanência para Idosos) da cidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul – Brasil no ano de 2011, buscando-se dados acerca da representação social da sexualidade, onde uma entrevista semiestruturada foi aplicada aos idosos e funcionários participantes. Assim, uma breve revisão teórica foi utilizada, caracterizando a população e o ambiente da pesquisa. Pode-se dizer que esse tema diz respeito não apenas a academia, como também à sociedade e ao Estado, na medida em que o envelhecimento populacional é uma realidade global. Por decorrência, percebe-se que isso demanda novos dizeres e fazeres. Buscou-se assim responder se a representação social da sexualidade na velhice pode ou não fornecer subsídios para a humanização de asilos e para a socialização dos idosos.

Palavras-chave: Envelhecimento humano; sexualidade; representação social.

Social Representations of Sexuality in a Shared by Elderly Asylum of Rio Grande do Sul

Abstract

Human aging is a subject that has become present in many scientific areas nowadays. In psychology, it hasn't been different. In this way, it was realized a qualitative research, inside one asylum in Passo Fundo, in Rio Grande do Sul, in 2011, looking for data's about the social representation of sexuality, which was used a semi-structured interview with the elderly and with the place workers. Also, it was done a succinct literature review, presenting the participant population and the research place. This subject doesn't matter only to academics, as well as society and especially the state, because the aging population is a reality in Brazil and in the world. This reality demand new behavior from all. We tried to answer the question, if social representation of sexuality on elderly may or may not provides support for the humanization of asylums and for the socialization of the elderly?

Key-words: Human aging, sexuality, social representation.

Esta pesquisa apresenta a temática do envelhecimento humano na contemporaneidade, um assunto em ascensão que têm se tornado alvo de diversas investigações nos últimos anos e tem estruturado políticas públicas. A referida pesquisa tem como questão central, examinar se a representação social da sexualidade na velhice pode ou não fornecer subsídios para a humanização de asilos e para a socialização dos idosos. Para tal, foi utilizada a revisão de literatura

sobre o tema, buscando elementos em artigos científicos e livros, com bases de dados nacionais e internacionais, relacionando o conteúdo coletado com o que dizem as teorias. As representações sociais são produzidas através da interação e comunicação dentro de grupos sociais, e pode refletir o cotidiano dos indivíduos.

1 Psicólogo. Graduado em Psicologia pela Faculdade Meridional IMED; Pós-graduando no programa de residência multiprofissional em Saúde da Família UNIUI/FUMSSAR – Santa Rosa RS. E-mail: paulo-cesar-braga@bol.com.br

2 Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC RS); Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: maurogaglietti@bol.com.br

Método

O método da pesquisa é de cunho qualitativo aplicado, e se caracteriza como descritiva de levantamento de dados. Para ser realizada, submeteu-se a aprovação do comitê de ética em pesquisa da IMED, com o protocolo 37/2011. Os objetivos da pesquisa visaram investigar as representações sociais da sexualidade nas falas dos idosos institucionalizados e dos colaboradores da entidade, buscando perceber se poderia ou não facilitar a socialização e humanização no asilo. Para tanto, os instrumentos utilizados foram uma entrevista semiestruturada, contando com dezessete questões que abordaram preferências e percepções sobre moradia, família, amizade, namoro, casamento, carinho, afeto e sexualidade, e também observação participante, a partir dos quais foram coletados dados para relacionar com referencial teórico apropriado. As entrevistas foram realizadas com um grupo de seis idosos e cinco funcionários da instituição, sendo que primeiramente solicitou-se à instituição a disponibilidade de realizar a pesquisa, com carta de autorização, e após, os idosos e funcionários foram convidados a participar voluntariamente, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com o modelo vigente no CEP IMED, que garantiram o sigilo dos participantes, a liberdade para deixarem de participar da pesquisa a qualquer instante, os contatos dos pesquisadores para eventuais dúvidas, bem como dos objetivos da pesquisa.

As entrevistas foram gravadas, transcritas, e analisadas através do método de análise de conteúdo de Marconi & Lakatos (2006), onde referem que a análise é realizada através de três níveis: a interpretação, a explicação e a especificação. A abordagem teórica utilizada se dá através da gerontologia, especificamente no que diz respeito à gerontologia social e também a psicologia do desenvolvimento.

Envelhecimento Humano – Primeiro Olhar

O primeiro olhar ao indivíduo mais maduro, idoso ou não, geralmente ocorre quando se entra em contato ainda quando criança com pais de nossos pais em convívio familiar. A avó, comumente figura um estereótipo de mulher doce e meiga, que faz deliciosos doces e pratos, que cuida dos netos mimando-os. O avô traz o estereótipo libertário, que joga cartas com amigos, que leva o neto ao armazém e o enche de guloseimas, fala de futebol como ninguém, diferente do pai, a figura masculina que mantém maior contato, que geralmente tem maior controle e interdito perante o filho.

“O termo ‘idoso’ associa-se ao aposentado, inativo e não produtivo. A sociedade propicia ao idoso uma situação cômoda, mas ao mesmo tempo, reforça valores depressivos quando os considera desocupados e impossibilitados de realizar tarefas” (Pasqualotti, Passerino & Pasqualotti, 2010, p. 110).

Existem múltiplos termos para designar o velho, como se pode verificar em Morandini (2004), que afirma que atualmente existem muitas dúvidas sobre o termo mais adequado a ser usado. Vieira (2000, p. 5) define a velhice como uma “etapa da vida que se segue à maturidade e apresenta efeitos específicos sobre o organismo do homem, devido ao passar dos anos. É uma fase de continuação da

vida, pejorativamente encarada como fase de doenças, de deteriorações e ‘rbugices’”.

Tommasi e Zacharias (2010) entendem que os processos de amadurecimento e envelhecimento são condições naturais da existência humana, assim como nascer e morrer, porém, os grupos sociais abordam de diversas maneiras esta questão a partir de aspectos biológicos e culturais. *Muitos estudos indicam que a velhice, como problema social, não é o resultado mecânico do crescimento do número de “pessoas idosas”, como parece sugerir a noção ambígua de “envelhecimento demográfico”, frequentemente evocado pelos demógrafos. [...] A gerontologia, quando toma como objeto uma população definida, fundamentalmente pela idade legal ou pelo estado de envelhecimento biológico, não estaria aniquilando, de forma antecipada, seu objeto de estudo, na medida em que considera como resolvido justamente àquilo que deveria ser explicado?* (Gaglietti & Barbosa, 2007, p. 137).

Belato (2009) revela nos últimos 200 anos se ampliaram e estão em crescimento às ciências que tratam da velhice, sendo assim a gerontologia e praticamente todas as áreas do conhecimento têm uma preocupação e um trato do humano envelhecido. Veras & Caldas (2009) narram que a partir da década de 80, os profissionais que assumiram o envelhecimento humano como um campo de prática profissional com intuito de construir saberes buscaram acima de tudo, resgatar o valor social do idoso.

Percebe-se através da narrativa dos autores acima, que o envelhecimento humano passa por diversas mudanças de paradigmas, pois os avanços científicos acabam por incluir essa parcela populacional na sociedade, oferecendo melhor qualidade de vida pelos avanços científicos, bem como de políticas públicas.

Dialogando a velhice – idosos e profissionais em cena

Dialogar a velhice com os atores sociais que atuam na cena do envelhecimento humano, seja do ponto de vista profissional, ou do ponto de vista de quem vive essa fase, pode proporcionar conhecimento científico, mas acima disso propicia a troca de afeto entre pesquisador e o grupo de pesquisa. Nos palcos do teatro os atores representam estereótipos, lugares e etapas, demonstrando emoção, fazendo rir, chorar, desconectar do mundo além das quatro paredes da grande sala, e viver uma utopia de sentimentos. Os intérpretes não são reais. Nos palcos da vida as cenas são legítimas, os velhos não são jovens fantasiados, são pessoas que não estão representando, mas sim vivendo. E se representar já é suficiente para emocionar, viver acarreta em afetos e sentidos maiores, densos e inimagináveis.

Objetivos

Como objetivo geral buscou-se investigar se o processo de socialização de idosos – bem como de humanização de locais que atendem essa população – podem ser facilitados ou prejudicados a partir de conhecimentos sobre a representação social da sexualidade compartilhada por idosos.

Como objetivos específicos procurou-se: A) desvendar conceitos e significados individuais e coletivos sobre a sexualidade, a

socialização dos idosos e a humanização de residenciais geriátricos; determinado ambiente, e se ocorre humanização deste local.
 B) identificar como ocorre a socialização de idosos em um

Participantes

Tabela 1. Idosos participantes da pesquisa

Nome	Lírio	Cravo	Antúrio	Aloe Vera	Orquídea	Azaléia
Idade	73 anos	78 anos	72 anos	63 anos	72 anos	80 anos
Sexo	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino
Tempo na instituição	2 anos	2 meses	10 anos	18 meses	18 meses	5 anos
Filhos	3 Filhos	2 Filhos	Não tem	Não tem	5 Filhos	Não tem
Estado Civil	Separado	Separado	Solteiro	Solteiro	Viúva	Solteiro
Escolaridade	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental	Não alfabetizado	Não alfabetizada	2º série Fundamental	Superior incompleto
Profissão	Caminhoneiro aposentado	Caminhoneiro aposentado	Jardineiro, vigia	Empregada Doméstica	Agricultora	Secretária

Fonte primária

Tabela 2. Funcionários participantes da pesquisa

Nome	Flor de Maio	Angélica	Bromélia	Gérbera	Hiacinto
Idade	50 anos	56 anos	43 anos	48 anos	35 anos
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino
Tempo de trabalho ILPI	7 anos	9 anos	7 anos	9 anos	17 meses
Filhos	Três filhos	Quatro filhos	Dois filhos	Dois filhos	Um Filho
Estado Civil	Casado	Casado	Solteiro	Casado	Casado
Escolaridade	3º série ensino Fundamental	5º série ensino Fundamental	Ensino Técnico	7º série Ensino Fundamental	Ensino Técnico
Profissão	Serviços gerais	Serviços gerais	Técnica de enfermagem	Serviços gerais	Técnico de enfermagem

Fonte primária

Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram um questionário sócio-demográfico, formulado com questões de caracterização dos indivíduos, como pode ser visto nas tabelas 1 e 2 citadas anteriormente. Foi também utilizado uma entrevista semi-estruturada com investigação referente à moradia, convivência com os filhos, relação conjugal (se existe ou existiu, havendo assim separação), carinho, amizades, sentimentos em relação à idade e com o envelhecer, dignidade na velhice, relações sociais, problemas de saúde, namoro, casamento, afeto e sexualidade. Ainda, um gravador de áudio digital foi utilizado para a coleta dos dados referidos acima.

Procedimentos

Durante o ano de 2011 foi realizado projeto de pesquisa, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa IMED, contatado a ILPI e, após ser aprovada pelas instituições envolvidas, realizado a coleta e análise dos dados. Ao total ocorreram seis visitas a ILPI, sendo uma para

apresentar o projeto, quatro para coleta de dados e uma para apresentação da pesquisa. Os dados foram coletados nos meses de agosto e setembro de 2011 em uma sala reservada pela instituição, garantindo o sigilo e confidencialidade dos participantes. Em cada visita foram realizadas entre duas a três entrevistas, com tempo aproximado de 15 minutos para cada uma.

Após entrevistar os participantes, fez-se a transcrição dos dados, e posteriormente foi realizada a análise e interpretação, explicação e especificação dos dados. Os mesmos organizados por assuntos centrais das falas dos participantes, e contextualizadas com autores expoentes da área da gerontologia e psicologia do desenvolvimento.

Resultados e discussões

Os resultados serão apresentados de forma congregada, onde as questões com características semelhantes são apresentadas nos mesmos grupos. Dessa forma se apresenta cinco grupos, organizados da seguinte forma: Grupo 1 - Questões referentes à moradia (1 e 2); Grupo 2 - questões alusivas a família (3 e 4); Grupo

3 - questões sugestivas ao carinho e amizades (5, 6 e 7); Grupo 4 - questões atinentes a relacionamentos amorosos sexualidade, dignidade e envelhecimento (8, 9, 10, 11 e 12). A última parte das entrevistas caracteriza-se por conceitos de afeto e sexualidade e grupos de discussão (13, 14, 15, 16 e 17). A forma de apresentação dos dados será analítica, onde estarão expostas algumas das respostas significativas com interpretação do pesquisador, referenciadas com material teórico específico. Parte-se então ao grupo das questões 1 e 2.

Moradia

As questões 1 e 2 referem-se ao modo de como se sentem (ou sentiriam no caso dos funcionários) em residir na ILPI e onde preferiam morar. Orquídea afirma: “- *Eu me sinto bem. Sou bem atendida né, bem tratada, só às vezes a comida fica mais grosseira, mas a gente acostuma igual.*” As respostas obtidas pelos moradores do ILPI, foram semelhantes no que tange o cuidado e amparo recebido por parte dos funcionários. Nesse sentido, Cortelletti, Casara & Heredéia (2004, p. 18) afirmam que “os asilos são instituições totais, criadas para cuidar de pessoas consideradas incapazes, dependentes, velhas, sem condições de decisão.”

Quando questionados em relação ao lugar onde prefeririam morar, a maioria dos idosos menciona morar com os filhos ou familiares. Para eles a casa de seus entes queridos seria o melhor local, mas esses trabalham e não podem cuidá-los. Para Gonyea, Hudson & Sheltzer (1990) (citados por Papalia, Olds & Feldman 2010, p. 688) referem que “envelhecer em casa pode fazer sentido para aqueles que conseguem cuidar-se ou necessitam de ajuda mínima, têm uma renda adequada ou uma hipoteca quitada, podem lidar com a sua manutenção, são felizes no bairro e desejam ser “independentes”, manterem-se em vida privada e próximos aos amigos e familiares”.

Família

Foi questionado aos entrevistados a respeito dos filhos: onde moram e se os visitam. As respostas foram muito parecidas; e as palavras de Bromélia podem dar um exemplo da perspectiva dos funcionários ao envelhecer: “- *Se não morassem comigo, acho que me visitariam frequentemente e também sentiria saudades.*” Mesquita (2003, p. 103) afirma que “a equipe deve sensibilizar a família para a necessidade de participação de seus membros na vida diária do idoso, evitando o distanciamento que por vezes ocorre em razão da perda teórica da responsabilidade do cuidado diário”.

Para Perline, Leite & Furini (2007), culturalmente é esperado pela sociedade brasileira que ao envelhecer, os filhos mais ligados ou demais familiares assumam a responsabilidade pelos pais, cuidando-os, mantendo-os materialmente e afetivamente de acordo com as condições e necessidades de cada indivíduo.

Carinho e amizades

De modo geral, todos os participantes afirmaram ser carinhosos com os demais idosos, como foi observado na fala de Azaléia e depois, conceituadas por Restrepo: “- *A gente vê às vezes uma pessoa de idade, com dificuldades, aquilo não custa a gente alcançar alguma coisa, ou dar um auxílio se precisar, um troco.*” Somos ternos quando

reconhecemos nossos limites e entendemos que a força nasce de compartilhar com os outros o alimento afetivo. Somos ternos quando fomentamos o crescimento da diferença, sem tentar nivelar aquilo que nos contrasta. Somos ternos quando abandonamos a lógica da guerra, protegendo os nichos afetivos e vitais para que não sejam contaminados pelas exigências da funcionalidade e da produtividade a todo transe, que pululam no mundo contemporâneo (Restrepo, 2000, p. 84, citado por Both e Benincá 2010, p. 41).

Envelhecimento, dignidade, saúde e relacionamentos amorosos

Esse espaço contou com cinco questões que investigaram como os participantes se sentem com a idade que têm e em relação ao envelhecimento; sobre a dignidade na velhice; se os problemas de saúde atrapalham nos relacionamentos; o significado de namoro e casamento; e o que é respeito, fidelidade e traição.

A maioria dos participantes afirma não sentir-se velho, o que leva a um questionamento por parte dos pesquisadores: Será que o velho é o outro? Se a velhice está no outro, naquele que é o espelho do futuro, mas, quando se alcança esse conceito de velhice, busca-se novamente no outro a justificativa da velhice. Questões a parte, exemplifica-se a resposta de Azaléia: “- *Eu não me sinto velha, porque pra mim não tem dificuldade em nada, se é pra fazer qualquer trabalho eu faço. Eu, minha roupa eu nem dou pra elas lavar, porque é aquela coisa, eu mesmo faço, cuida dela.*”

Já em Debert (1999, p.121), percebe-se que “a impressão de que o momento de entrada na ILPI corresponde à autoidentificação dos indivíduos como sendo velhos é desfeita logo após um contato mais demorado com os residentes. A ideia de que o velho é sempre o outro é aí presente de maneira ainda mais enfática.”

Sobre a questão que se refere ao que é dignidade na velhice, as respostas foram relacionadas à moradia, renda, alimentação, saúde, cuidado e presença de pessoas queridas, como família ou amigos. Gérbera exemplifica: “- *Não precisa muita coisa, tendo amor, carinho, a saúde, e onde morar, e tendo um dinheiro pra sobreviver.*” “A dignidade na velhice é singular, subjetiva, embora remeta ao coletivo, à dimensão existencial da sociedade, à busca da qualidade de vida e da longevidade” (Damiani, 2010, p. 121-122).

A questão que investiga se os problemas de saúde atrapalham nos relacionamentos mostrou respostas divergentes. Alguns participantes mencionaram que atrapalham, devido ao declínio do vigor físico. Outros mencionaram que não, pois se as pessoas são realmente próximas, não se afastam. A resposta de Hiacinto diz: “- *De repente vão ter que reaprender a amar, o nosso corpo está mudando, ele está travando, tu vai perdendo o pique, e agora tem que começar a administrar para poder ser feliz.*” Para um respaldo científico, busca-se em um documento oficial uma frase sobre os problemas de saúde enfrentados no envelhecimento. *A maioria das doenças crônicas que acometem o indivíduo idoso tem, na própria idade, seu principal fator de risco. Envelhecer sem nenhuma doença crônica é mais exceção do que regra. No entanto, a presença de uma doença crônica não significa que o idoso não possa gerir sua própria vida e encaminhar o seu dia-a-dia de forma totalmente independente.* (Brasil, 2002, p. 52)

Já para Moragas (1997, p. 50) “a velhice não é uma doença em si mesma, mas a probabilidade de adoecer durante a velhice e de que a doença deixe sequelas no organismo é muito maior do que em outras etapas da vida.”

Outra questão é em relação ao que os participantes pensam sobre o casamento e o namoro na velhice. Nesse ponto as perspectivas dos funcionários em relação ao futuro e velhice, assim como justificativas por parte dos idosos pelo fato de não terem relacionamentos amorosos na velhice foram encontrados como respostas falas semelhantes a de Orquídea: “ - *Namoro é uma coisa boa né. Eu fiquei com medo, porque foi muito sofrido o meu primeiro amor*”.

De acordo com Damiani (2010), quando o idoso é institucionalizado, é uma pessoa sozinha, sem companheiro (esposo/a), pois é solteiro da vida toda, ou seus pares já faleceram. Sendo assim as dificuldades de relacionar-se são grandes, levando-os a exclusão, afirmando os preconceitos e incapacitando-os de viverem sua sexualidade.

Nas concepções familiares, como afirma Moragas (1997, p.122), “o papel do avô começa a ser descoberto por seus protagonistas atuais com as características modernas de quem resiste a aceitar o estereótipo de velhos assexuados, passivos, destinados a esperar a morte e sem interesses pessoais.” Essa afirmação leva a crer que os idosos na contemporaneidade mudam seus papéis rapidamente, saindo da já ultrapassada concepção de meiguice do vovô, para o papel de cidadãos ativos e contribuintes na sociedade, interagindo com gerações de familiares e da comunidade como um agente de mudança, buscando seus direitos e seus interesses.

Sobre o que os participantes pensam a respeito de fidelidade e traição, as respostas foram singulares. Para todos os participantes, respeito é algo bom, traição é ruim e fidelidade é bom e precisa fazer parte das relações. Em teorização as respostas dos participantes, busca-se em Damiani (2010, p. 150) o sentido que “em qualquer idade, o diálogo e o respeito são essenciais à vida do ser humano, significando a valorização do outro”.

Afeto e sexualidade

Neste tópico foi questionado sobre o que as pessoas pensam em relação ao afeto, a sexualidade e se gostariam de realizar discussões em grupo sobre tais temas. Os idosos afirmaram que debater assuntos dessa natureza é conveniente, pois está ligado aos sentimentos e amizades. Um ponto importante foi que todos se mostraram abertos a discutir afeto na instituição. Pode-se exemplificar tal fato com a resposta de Hiacinto: “ - *Afeto é o sentimento que toda a pessoa deveria ter com a outra, muita coisa se fala sobre o afeto, mas com certeza o mundo não tem um significado pro afeto. Afeto é querer bem o próximo*”.

Sobre as questões que tangiam a sexualidade, o que pensam a respeito e se poderiam ocorrer discussões e debates em grupo referente a isso, os idosos e também funcionários demonstraram comportamento de esquiva nas respostas. Nestas questões, as maiorias dos participantes afirmaram que não gostariam de realizar debates em grupo. Uma resposta mais direta sobre a sexualidade foi

de Antúrio, que mencionou: “- *Não é eu andar me ‘fresquiando’ com os outros, mostrando o pinto pros outros, não, é respeitar o outro*”.

Araújo (2009) informa que a afetividade não é regalia dos jovens, ao contrário, à medida que fica mais madura, a pessoa tende a se conhecer melhor e se relacionar com a família de maneira mais adequada, podendo experimentar sensações não conhecidas na juventude.

Almeida & Lourenço (2008, p. 9), evidenciam que na sociedade existe uma “negação dos afetos que é suscitada pela cultura e desenvolvida pelas pessoas como uma forma de defesa psíquica frente ao sofrimento gerado pelo fato dos mesmos serem considerados como desestabilizadores sociais, e consequentemente como uma ameaça constante,” sendo assim, ameaçariam a ‘ordem’ social da moral e dos bons costumes.

De acordo com Both & Benincá (2010, p. 46) “os estudos indicam que a expressão afetiva está diretamente vinculada aos modos de vida anterior e à própria capacidade de renovação afetiva. De maneira geral, as indicações das pesquisas levam a um pluralismo na expressão sexual.”

Vasconcelos & cols. (2004, p. 415) revelam que “Vovô e vovó são anjos da guarda com um corpo diáfano, liberado de todo traço de sensualidade. Esta fábula deve ser preservada a todo custo; se preciso for, sob o controle dos filhos que se tornam [...] guardiões do recalçamento.” Dessa forma pode-se perceber que existe uma inversão de papéis dos sujeitos, onde os idosos estão acometidos a ocultar toda e qualquer demonstração de interesse e desejo sexual, e caso acabem por agir de outra maneira pedem ser desconsiderados socialmente e rejeitados pela própria família.

Para Laurentino & cols. (2006, p. 61), “a consciência do prazer e da afetividade exige uma manifestação responsável diante do outro.” Santos & Carlos (2003, p. 60) referem que a sexualidade é onde a “propriedade erógena pode ligar-se a algumas partes do corpo, marcadas pelas primeiras experiências prazerosas como chupar, sugar, ou a qualquer outro ponto da pele ou da mucosa, podendo tomar a seu cargo as funções de zona erógena”.

Através dos autores acima, pode-se dizer que a sexualidade também está ligada ao cotidiano, não apenas ao coito e sim, a tudo o que diz respeito à vida, desde que proporcione algum tipo de prazer. Olhando para os idosos a sexualidade desse modo apresentada, pode ser vivenciada no seu processo ampliado, podendo ser potencializada utilizando-se de fatores como o toque, o olhar, o cheiro e outros.

Gradin, Souza & Lobo (2007, p. 207) afirmam que “para compreender a sexualidade dos idosos, é preciso levar em conta que o comportamento sexual é definido por vários princípios: cultura, religião, educação, e estes valores influenciam intensamente o desenvolvimento sexual, determinando como se irá vivenciá-lo e lidar com ele por toda a vida.” Dessa forma, o envelhecimento saudável referindo-se a sexualidade deve resgatar o sentimento da época do namoro, do flerte, da paquera, da conquista, sendo que a entrega pode ser plena, e não apenas no ato sexual. Ou seja, o

abraço, o beijo, o toque, o olhar, o carinho, são capazes de serem vivenciados de forma natural e intensa.

Considerações finais

O conhecimento teórico científico não condiz com os achados a respeito da representação social da sexualidade. A sexualidade como conceito ampliado não faz parte do conhecimento dos participantes. Percebe-se ainda que a sexualidade, enquanto usado como um termo é de difícil compreensão e exploração, pois ainda é rodeada de tabus e preconceitos, onde a esquivia para tratar o assunto pôde ser encontrada nas respostas que foram obtidas na presente pesquisa.

Dessa forma pode-se afirmar que a sexualidade na terceira idade pode conter subsídios para a educação ampliada do conceito, contribuindo com a inquirida socialização dos idosos e humanização do asilo, pois assim pode-se modificar o que representa e também, mudar alguns conceitos em relação a esse tema.

É preciso descrever que vivenciar e ser agente da pesquisa oferece uma série de sentimentos. Se por um lado enquanto pesquisador é possível auxiliar no avanço teórico prático da ciência, por outro, enquanto sujeito é possível perceber as diversas inquietações que surgem a respeito das condições em que vivem os idosos. Sobre o processo de envelhecimento é impossível não perceber e olhar para dentro de si, o que coloca em questão a própria juventude; uma vez que essa é o reflexo sobre a expectativa de vida, e um bom tempo dessa estimativa já se passou. Crises existenciais a parte, pode se pensar que o grande significado disso tudo esteja onde os medos levam, pois a velhice é natural e pergunta-se: como será no futuro? ILPI, políticas públicas, família, quem cuida de quem?

É visível o avanço encontrado em políticas públicas e em teorias, uma vez que a gerontologia em constante avanço. Porém, é preciso progredir mais em teoria e em prática pois a demanda existe, já que a população está envelhecendo cada vez mais e os índices de natalidade estão diminuindo.

Em relação à realidade do envelhecimento populacional, é necessária uma intervenção imediata do estado, uma vez que o processo é cada vez mais evidente. Envelhecer, como já mencionado, é natural.

Morar na ILPI não propicia a sensação de estar vivendo no próprio lar. É como residir e não pertencer ao local. Aliás, a falta de

apropriação do ambiente torna o ser humano um forasteiro, senhor de si mesmo, sem posse, sem raízes que o prendam ao local. Afirma-se que uma das representações sociais encontradas é a de que a ILPI é um bom lugar para que o idoso seja cuidado, mas não é como o lar.

Velho é o outro! De acordo com as respostas obtidas, apenas um participante mencionou sentir-se velho e não estar bem com a idade que tem, enquanto os outros participantes mencionaram estar bem e não sentirem-se velhos. Dessa forma, conclui-se que estar velho é subjetivo. A idade cronológica pode até estar estampada no sujeito, mas o sentimento não corresponde aos seus anos vividos, ao menos não conscientemente. Assim sendo, representa-se socialmente que a velhice pode não ser apenas a idade do sujeito e sim um estado de espírito, um sentimento. Enquanto não se sente velho, se sente bem, se sente jovem, ou ainda, o envelhecimento pode sempre estar atrelado ao outro, pois mesmo sendo mais jovem cronologicamente, pode ter atitudes consideradas de velhos.

As relações amorosas podem ser vivenciadas plenamente em qualquer idade. Na velhice não é diferente. Os idosos podem namorar, casar e manter o casamento com os companheiros de longa data. Isso tudo representa um relacionamento que faz bem, é saudável, conforme as palavras dos participantes. Portanto a representação social do namoro na velhice se caracteriza como uma coisa boa, que é saudável, traz felicidade e plenitude.

Chama a atenção o fato de que o significado de afeto e sexualidade não são conhecidos socialmente, ou seja, grande parte dos idosos não soube responder o que pensam sobre afeto, e ainda alguns não opinaram sobre a sexualidade. Compreende-se que o conceito de sexualidade precisa ser difundido, pois no senso comum, ainda é visto como o ato sexual, onde deveria ser percebido com um conceito ampliado, pois a sexualidade é vivenciada em todas as esferas da vida, uma vez que leva em consideração o fato de que as pessoas devem buscar o prazer não apenas no coito e sim, em momentos marcantes, no carinho, na alimentação, no trato com o amigo.

Esta pesquisa não convém como uma verdade absoluta, mas pode servir de apoio para outras de âmbitos maiores ou em outros locais, e também poderá ser utilizada como base de estudos sobre o tema. Contudo, buscou-se dar suporte e respostas da contemporaneidade em relação a esta realidade, sobre a população específica – idosos.

Referências Bibliográficas

Almeida T., & Lourenço, M. L. (2008). Amor e sexualidade na velhice: direito nem sempre respeitado. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano* – RBCDH – 2008 [online]. Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh>. Acessado em: 13/10/2011.

- Araújo, M. L. M. (2009). Envelhecimento: afetividade, sexualidade e qualidade de vida. Revista Brasileira de Sexualidade Humana – RBSH: [online]. Disponível em: <http://www.sbrash.org.br>. Acessado em: 19/09/2011.
- Belato, D. (2009). História da Velhice. in. Dallepiane, L. B. Envelhecimento Humano: Campo de Saberes e Práticas em Saúde Coletiva. Ijuí: Unijuí.
- Brasil. (2002). As Cartas da Promoção da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde: Projeto Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde.
- Both, A., & Benincá, C. R. (2010). Sobre a ternura e a velhice. in. Tommase, S. B. Ormezzano, G. Envelhecer com sabedoria. São Paulo: Paulinas.
- Cortelletti, I. A., Casara, M. B., & Heredéia, V. B. M. (2004). Idoso Asilado: um estudo gerontológico. Caxias do Sul, RS: Educs/Edipucrs.
- Damiani, F. E. (2010). Educação e Sexualidade não têm Idade. Passo Fundo: Passograf.
- Debert, G. G. (1999). Velhice e o Curso da Vida Pós-Moderno. Revista USP, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 70-83.
- Gaglietti, M., & Barbosa, M. H. S. (2007). Que Idade tem a Velhice? Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano - RBCEH. Passo Fundo, V.4, N.2, p. 136-148. Jul/Dez. 2007.
- Gradim, C. V. C., Sousa, A. M. M., & Lobo, J. M. (2007). A prática sexual e o envelhecimento. [online]. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/9826/6737>. Acessado em: 10/09/2011.
- Laurentino, N. R. S., Barboza, D., Chavez, G., Bezutti, F., Bervian, S. A., & Portella, M. R. (2006). Namoro na terceira idade e o processo de ser saudável na velhice: Recorte ilustrativo de um grupo de mulheres. [online]. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano - RBCEH. Passo Fundo, 51 – 63, jan/jun 2006. Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh>. Acessado em: 02/09/2011.
- Marconi M. A., & Lakatos E. M. (2006). Metodologia científica. 4 ed revista e ampliada. São Paulo: Atlas.
- Mesquita, P. M. (2003). Residenciais para idosos. in. BOTH, A., Barbosa, M. H. S., & Benincá, C. R. S. Envelhecimento Humano: Múltiplos Olhares. Passo Fundo: UPF.
- Moragas, R. (1997). Gerontologia Social: Envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas.
- Morandini, J. A Velhice: Uma abordagem social e Jurídica. in. Pasqualotti, A., Portella, M. R., & Bettinelli, L. A. (2004). Envelhecimento Humano: Desafios e Perspectivas. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2010). Desenvolvimento Humano. Tradução: Vercesi, C. F. M. P. [etall]. 10 ed. Porto Alegre: AMGH.
- Pasqualotti, A., Passerino, L. M., & Pasqualotti, P. R. (2010). Idosos em Rede: Interface entre interação no ciberespaço, tecnologias de comunicação e relacionamento. In: Tommasi, S. B., & Ormezzano, G. Envelhecer com sabedoria. São Paulo: Paulinas.
- Perlini, N. M. O. G., Leite, M. T., & Rurini, A. C. (2007). Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por familiares. Rev. esc. enferm. USP, vol.41 no.2 São Paulo.
- Santos, S. S., & Carlos, S. A. (2003). Sexualidade e amor na velhice. Estudos interdisciplinares do envelhecimento. Porto Alegre, v. 5, p. 57-80.
- Tommasi, S. B., & Zacharias, J. J. M. (2010). Sabedoria do envelhecer. In. Tommasi, S. B., Ormezzano, G. Envelhecer com sabedoria. São Paulo: Paulinas.
- Vasconcellos, D., Novo, R. F., Castro, O. P., Vion-dury, K., Ruschel, Â., Couto, M. C. P. P., Colomby, P., & Giami, A. (2004). A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas comparação transcultural. Est Psicol. 9 (3):413-9.

Veras, R. P., & Caldas, C. P. (2009). A Promoção da Saúde de uma População que Envelhece. In. Dallepiane, L. B. Envelhecimento Humano: Campo de Saberes e Práticas em Saúde Coletiva. Ijuí: Unijuí.

Vieira, E. B. (2000). Manual de Gerontologia. Um guia teórico-prático para profissionais, cuidadores e familiares. Rio de Janeiro: Revinter.

<i>Recebido em:</i>	19/05/2013
<i>Enviado para análise em:</i>	20/05/2013
<i>Texto revisado pelos autores em:</i>	06/06/2013
<i>Aprovado em:</i>	16/05/2013
<i>Editor responsável:</i>	Vinícius Renato Thomé Ferreira